

Um hospital enfermo

A novela para a construção do Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon) no Hospital Universitário é apenas mais uma das crises que castigam o HUB. São mais de R\$ 30 milhões em dívidas com fornecedores de medicamentos e de serviços. Na semana anterior ao Carnaval o berçário e a maternidade fecharam. Não havia neonatologistas suficientes. Os 12 médicos que antes trabalhavam ali pediram demissão. Cansaram de ganhar apenas R\$ 2 mil. Queriam a equiparação salarial com os colegas da rede pública de saúde do DF que recebem cerca de R\$ 3 mil. "Não tínhamos como pagar isso", reconhece a atual diretora, Tânia Torres Rosa. "Era uma reivindica-

ção justa. Nossos salários, de fato, são baixos".

O fechamento da maternidade complicou a vida das futuras mães e dos futuros médicos. Mais de 1.500 partos são realizados por mês no HUB. É lá também que os 450 alunos do curso mais concorrido da UnB têm aulas práticas. Na semana passada, estudantes e professores perceberam que o aprendizado ficaria bastante prejudicado sem recém-nascidos e parturientes. Resolveram, então, entrar numa espécie de greve branca. Deu certo.

A direção da UnB tentou primeiro, por telefone, pedir socorro ao MEC. Foi em vão. Na quinta-feira, o vice-reitor Edgar Mamiya apelou para o novo governo do DF. A Secretaria de Saúde atendeu os apelos do reitor em exercício. Cedeu seis médicos que começam a trabalhar no HUB na próxima segunda-feira e pediu

uma contrapartida: que o HUB aumente os exames de tomografias computadorizadas e as ressonâncias magnéticas. "Pularemos de 600 ressonâncias mensais para 700 e de 400 tomografias para 600. Atenderemos os pacientes da rede da Secretaria de Saúde. Mas valerá a pena. Inauguramos um novo tempo com o GDF", planeja Edgar.

Ronaldo de Oliveira/CB - 13/2/07



MATERNIDADE E BERÇÁRIO FECHARAM ANTES DO CARNAVAL E REABREM NA SEGUNDA-FEIRA